



A Fecundidade do amor

10/09/2015

As nossas meditações de cada manhã têm como único tema o «amor conjugal», que representa o mistério mais profundo da nossa condição humana de seres criados à imagem e semelhança de Deus. Foi assim desde o princípio. Segundo o primeiro relato da criação Deus criou o homem à sua imagem e semelhança e criou-os homem e mulher. No segundo relato da criação, o homem, primeiro, e a mulher, depois, são criados directamente por Deus o qual, como um oleiro, que modela o homem e a mulher com as suas mãos. Segundo Santo Ireneu de Lião Deus formou o homem a partir do barro e a mulher retirando-a do interior do homem com as suas mãos, isto é, com o Verbo e o Espírito Santo. Assim, somos configurados, em todo o nosso ser, à imagem da Trindade, o que se traduz naquilo que mais profundamente constitui o nosso ser como pessoas, ou seja, os seres da verdade, da liberdade e do amor.

Nunca será demais insistirmos neste ponto, porque esta é a base a partir da qual podemos reconhecer a nossa altíssima dignidade, por sermos criados à imagem e semelhança de Deus, desde o princípio, o que significa, na lógica da Escritura e do modo como ela é recebida e interpretada na Igreja, que cada um de nós é criado por Deus. Na nossa constituição física e biológica, somos herdeiros dos nossos pais, mas na dimensão espiritual e profunda do nosso ser, somos criados directamente por Deus que infunde em cada um de nós a alma, tal como no princípio Deus insuflou no homem o espírito que o tornou um ser vivente.

Tanto num relato como noutro, mas sobretudo no segundo, a Sagrada Escritura revela-nos a origem do matrimónio no pensamento e na vontade de Deus. No princípio Deus fez o homem e a mulher numa tal relação de interioridade que o homem deixa o pai e a mãe e une-se à sua esposa e os dois formam uma só carne.

No evangelho de S. Mateus, a propósito do divórcio, que não pode haver entre os seus discípulos, Jesus refere-se a este princípio e diz de um modo que não permite dúvidas: o que Deus uniu não o separe o homem.

Esta união é uma das mais profundas manifestações do amor, pois o amor une. Mas esta unidade não é um fim em si mesma: ela acontece para que desta unidade surjam novas vidas, conforme diz o texto: cresci, multiplicai-vos, enchei a terra. Portanto, a fecundidade está inscrita na natureza da união do homem e da mulher no matrimónio, que, pelo menos na forma como se diz em português, tem em si a orientação para a maternidade e a sua protecção.

Na teologia do matrimónio a fecundidade manifesta-se nos filhos, os quais são um dos bens, senão mesmo, o bem principal do casamento e também o seu primeiro fim. O matrimónio é o lugar próprio no qual a vida se acolhe e se transmite, com a generosidade de quem acredita na vida e gosta de viver e por isso espontaneamente a transmite como o bem maior. Mas o bem maior da fecundidade



IIIème Rencontre Internationale des Responsables Régionaux
Roma 6-11 Septembre, September, Setembro, Septiembre, Settembre 2015

é colaborar com Deus para povoar o céu e a terra e assim os cônjuges tornam-se colaboradores de Deus na obra da criação. Ele poderia criar os seus filhos a partir das pedras, como num certo passo diz Jesus no evangelho. Mas não foi esse o caminho que Ele quis seguir: ele criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança. Essa imagem e semelhança reflecte-se na nossa condição de seres que buscam a verdade que liberta e que é fecunda no amor, esse mistério quase divino em nós que une e que distingue e que em nós está na origem de toda a criação, que está na origem da vida que brota de um amor que nos precede.

Caros casais, caros conselheiros espirituais, parafraseando a linguagem do Papa Francisco, não permitamos que o nosso amor, tanto o amor esponsal que une os sacerdotes ao mistério da Igreja, como o amor esponsal dos esposos, não seja fecundo. Não nos tirem a fecundidade do amor.

P. José Jacinto FERREIRA DE FARIAS, scj.